



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o primeiro-ministro de Portugal, José Sócrates, para a Rádio e Televisão de Portugal – RTP

Lisboa-Portugal, 04 de julho de 2007

Jornalista: Boa noite. Hoje é um dia histórico, a União Européia concretiza a primeira Cimeira entre o Brasil e a Europa, uma proposta de parceria estratégica que levou meses a negociar entre os países da União, uma filigrana da diplomacia portuguesa junto dos 27. A proposta de cooperação estratégica em níveis tão diferentes como a economia, o multilateralismo, a democracia, direitos humanos, energias renováveis e alterações climáticas. Por agora, o Brasil. No final do ano, a África. A América Latina tem estado fora das prioridades da política externa comum, numa altura em que as negociações da Organização do Comércio Mundial estão bloqueadas. No fundo, o continente americano prepara-se, através do projeto Banco do Sul, e de instituições financeiras alternativas às que gerem os equilíbrios financeiros globais, o Banco Mundial e o FMI. É chegado o momento da União Européia e o Brasil construir entendimentos e lançarem novas pontes para a África.

Cumprimento e agradeço a disponibilidade ao presidente do Brasil, Lula da Silva, e ao primeiro-ministro José Sócrates.

Senhor Presidente, o senhor é um vencedor da globalização. O Brasil é hoje um player global. A economia brasileira está de bom humor, como se diz na terminologia dos trópicos: o PIB cresce, o real está forte, tem as dívidas externas praticamente saldadas e tem um plano de desenvolvimento que está a arrancar. Fala “tu cá, tu lá” com os americanos e entende-se bem com os setores mais radicais da América Latina. Mas o senhor não tinha uma parceria com a União Européia, uma parceria estratégica. É importante para o Brasil essa parceria?



Presidente: É extremamente importante para o Brasil essa união estratégica com a União Européia. O Brasil tem o privilégio de ter relações bilaterais extraordinárias com Portugal, França, Alemanha, Itália e Espanha. Portanto, na relação bilateral nós estamos numa relação histórica, ou seja, com Portugal desde 1500, com os alemães desde 1850, com os italianos desde 1875.

Agora, quando Portugal propõe uma Cimeira entre União Européia e Brasil e, conseqüentemente, União Européia e Mercosul, é uma coisa extraordinária para um futuro promissor que todos nós estamos torcendo que aconteça para a Europa, para a América do Sul e para o Brasil. O momento é extraordinário. Eu diria que o Brasil vive o seu melhor momento econômico desde a proclamação da República, 118 anos atrás. Há estabilidade econômica, há um rumo a ser seguido, há uma inflação controlada, há crescimento das exportações, as reservas estão a quase 150 bilhões de dólares. Portanto, eu acho que é o momento ideal, e eu penso que daqui vai brotar uma semente que vai dar muitos frutos na nossa relação.

Jornalista: Vamos, então, à análise, ao significado desta parceria estratégica. Vamos fazê-la em duas vertentes, uma econômica e uma política. Começamos pela econômica. Senhor Presidente do Brasil, de fato, as negociações da Organização Mundial do Comércio estão bloqueadas. Na última Rodada de Doha, onde o senhor faz parceria com a Índia, no Grupo dos 4, não se avançou nada, continua tudo bloqueado. A relação entre o Bloco da União Européia e o Mercosul também praticamente não existe. Esta é uma forma de poder facilitar o diálogo, contornando essas negociações da Organização Mundial do Comércio? É uma fórmula para conseguir chegar a um bom porto?

Presidente: Eu tenho 61 anos de idade e tem 40 anos que participo de negociações. Eu nunca esperei uma negociação fácil na Rodada de Doha. Eu



sempre achei que ela ia ser muito difícil, como é difícil você inovar qualquer acordo que você queira fazer com um parceiro novo, como é o Mercosul e como é a Rodada de Doha.

O que aconteceu, concretamente, na Rodada de Doha? Desde dezembro do ano passado eu tenho ligado para todos os principais líderes políticos do mundo dizendo que, do ponto de vista do trabalho dos nossos técnicos, o trabalho está encerrado. Agora, precisa ter uma decisão política. E quem toma a decisão política são os primeiros-ministros, são os presidentes da República. Não é mais o técnico que está negociando.

Por quê? Porque tinha um triângulo na nossa negociação. Nós estávamos a exigir, enquanto G-20, que os Estados Unidos reduzissem os seus subsídios da agricultura para cerca de 12 bilhões de dólares. Nos últimos três anos, os Estados Unidos tinham aplicado 15 bilhões de dólares, em média; no último ano aplicou 11 e estava propondo 17 de subsídio. Nós achávamos que era muito. A União Européia não flexibilizou muito a questão da agricultura e eu compreendo as dificuldades. Tanto os Estados Unidos quanto a União Européia queriam que nós flexibilizássemos muito os produtos industriais e o setor de serviços. E nós sempre dissemos que era preciso que houvesse uma proporcionalidade, cada um deveria abrir mão de uma parcela do seu coeficiente, desde que levasse em conta o tamanho, a riqueza e o PIB de cada país. Porque o Brasil não estava sozinho na negociação. O Brasil, quando fala, tem a Índia, tem a China, tem a África do Sul, tem a Argentina, tem o México...

Jornalista: Tem o G-20 atrás?

Presidente: Tem o G-20. Agora, houve problema? Houve. Mas eu ainda sou daqueles que acredita que nós vamos chegar a um acordo na OMC. Só um dado importante sobre a Rodada de Doha. Pela primeira vez, a Rodada se chama rodada do desenvolvimento.



Jornalista: Isso é positivo?

Presidente: O que nós queremos discutir é o seguinte: o Brasil, na questão agrícola, é competitivo com qualquer país europeu. Agora, o que eu dizia a todos os líderes é que o resultado do acordo precisaria criar uma nova esperança aos países mais pobres do mundo, sobretudo se você olhar uma parte da América Latina e olhar o continente africano como um todo. É assim que nós devemos olhar essa negociação. Agora, eu sou um político, eu compreendo as dificuldades. Quando eu falo dos negociadores técnicos, não é que eles não sejam competentes. É que toda vez que você quer negociar e testar os outros negociadores, você não vai pessoalmente, você coloca alguém para negociar para você. Ora, o que acontece, no caso do Brasil, é que quem vai é o governo brasileiro, efetivamente. A União Européia tem um representante, a Inglaterra tem outro representante. E nós achamos que, agora, com a entrada do Gordon Brown como primeiro-ministro da Inglaterra, com a mudança na França, alguns dizem que ficou mais difícil. Eu não acredito. Eu acredito que negociação é perseverança, é teimosia, nós vamos continuar teimando, porque acreditamos que a paz que nós queremos no mundo passa por uma negociação justa na OMC.

Jornalista: Vamos agora, ao setor energético onde o Brasil, senhor Presidente, soma resultados com os biocombustíveis, como a matriz amiga do ambiente. O Brasil tem áreas disponíveis para as culturas da cana-de-açúcar, da soja, do milho, da mamona, não é? – é uma oleaginosa, creio que é o nome – e de outros produtos. E juntamente com os Estados Unidos, com quem celebrou um acordo não há muitos meses, tem já uma produção em todo o mundo, que supera os 70%. Ontem foi assinada uma *joint venture* entre uma empresa portuguesa, a Galp, com a Petrobras, justamente também para trazer



para Portugal alguns desses biocombustíveis. Isto significa, a seu ver, que é uma tentativa, um primeiro passo para converter a Europa aos biocombustíveis, senhor Presidente?

Presidente: Primeiro, eu estou feliz com o acordo entre a Galp e a Petrobras. A idéia original é a produção de 300 milhões de litros de biocombustíveis, 150 milhões para Portugal e 150 milhões para o Brasil, o que é uma coisa extraordinária, tanto para Portugal quanto para o Brasil. Segundo, eu penso que o mundo se curvará aos biocombustíveis. Na minha opinião, será inexorável.

Jornalista: Mesmo que Fidel Castro diga que valeria outra vez a “geografia da fome”, com os preços do milho a subirem?

Presidente: Eu acho que o problema é que a crítica que o presidente Fidel Castro faz é uma crítica direcionada ao presidente Bush, por conta do álcool e do milho.

Jornalista: O Brasil aposta na cana-de-açúcar?

Presidente: Nós não vamos produzir álcool do milho, os nossos biocombustíveis serão produzidos, primeiro, da cana-de-açúcar. Nós temos 440 milhões de hectares de terras agricultáveis. Desses, apenas 1% tem cana-de-açúcar hoje. Portanto, nós temos uma imensidão de território, sem passar perto da Amazônia. Na Amazônia, são 360 milhões de hectares que estarão lá, tranquilos, contribuindo com a humanidade. Mas nós temos outras áreas enormes para que a gente possa produzir biocombustíveis. Segundo, é importante não esquecer nunca que é no plantio da árvore e no seu crescimento que tem o seqüestro de carbono, que se seqüestra o CO2.



Portanto, com os biocombustíveis, sejam eles da cana, da mamona, do pinhão manso – tudo coisa que Portugal levou para o Brasil – sejam do girassol, da soja, você tem uma extraordinária possibilidade de ajudar quem? Primeiro, os países ricos a poluírem menos o Planeta, a ter menos emissão de CO₂; e os países pobres, sobretudo o continente africano, de terem uma oportunidade de produzir combustível.

O problema da alimentação no mundo, hoje, não é falta de alimento, é falta de poder aquisitivo para comprar o alimento. Portanto, nós temos condições de produzir quantos alimentos forem necessários e quanto combustível for necessário. Obviamente que não existe essa possibilidade de ficar disputando: eu vou produzir alimento ou vou produzir biocombustível? Até porque o primeiro e o principal combustível é a nossa comida, porque nos permite ter energia para continuar produzindo outras coisas. E eu estou convencido, eu não sei se vou estar vivo daqui a 20 anos...

Jornalista: Vai, com certeza.

Presidente: Mas eu estou convencido de que o mundo se curvará aos biocombustíveis nessas próximas duas décadas. Veja, a Europa, agora, está produzindo caminhões euro 4, logo, logo, vai estar produzindo o euro 5. A cada caminhão, quando você saiu do euro 3 para o euro 4, você aumentou o preço do caminhão em mais de 10% e diminuiu a emissão de gás em apenas 3%. A minha pergunta para os companheiros europeus é a seguinte: o que vai diminuir a emissão de gás? É um novo motor, com mais tecnologia, deixando o caminhão mais caro, ou é uma mistura de biocombustível no óleo diesel?

Jornalista: Há grandes investimentos do Brasil em Portugal. No caso da Embraer, que comprou 65% da empresa Ogma, há mais de 600 ou 700 empresas portuguesas, creio eu, já operando no Brasil. Senhor presidente do



Brasil, de qualquer forma, este é um momento em que o Brasil pode, de fato, dar as mãos a Portugal e seguir em frente nesses investimentos? Vale lembrar também o caso das tecnologias, Portugal tem sido olhado em alguns setores muito específicos como um bom exemplo da simplificação, por exemplo, de questões administrativas. Então, o Brasil tentará vir aqui buscar algumas dessas tecnologias ou não?

Presidente: Antes de entrar nessa pergunta eu queria voltar um pouquinho aos biocombustíveis para dizer que tem um quarto componente na questão do biocombustível, que é a geração de empregos. No Brasil, nós fizemos uma lei que dá um incentivo fiscal para o empresário que contratar a produção da oleaginosa do pequeno produtor. Só para você ter idéia, para cada trabalhador na fábrica de transformação, nós geramos mil empregos no campo. Para cada trabalhador na fábrica de biodiesel, nós geramos mil empregos no campo.

Jornalista: Portanto, digamos que fixa o trabalhador ao mundo rural?

Presidente: Permite que ele viva do trabalho no campo. Eu fico imaginando isso para o continente africano, eu fico imaginando isso para os países da América Central, onde o grande problema é a questão do emprego, é a questão da renda. Então, essa é uma revolução que eu estou convencido de que vai acontecer. Eu espero que os meus netos assistam a essa revolução.

Eu vou, agora em outubro, a Angola, e nós vamos anunciar uma grande parceria de uma empresa brasileira com o governo de Angola para produzir biodiesel. Uma outra coisa importante é que no dia 20 deste mês eu vou a uma cidade do interior de São Paulo, no Brasil, inaugurar uma fábrica de biodiesel de gordura, gordura animal. Ou seja, eu vou visitar um frigorífico grande e tudo que for gordura desse frigorífico vai produzir 108 milhões de litros de biodiesel de gordura por ano. Então, é uma revolução que eu acho que está



acontecendo no mundo. Eu sei das dificuldades, eu sei das reclamações, mas ela vai acontecer. Segundo, o Brasil está sempre aprendendo com Portugal. Eu nunca posso esquecer o que Portugal significou e significa para nós no Brasil. Juntos, construímos aquela nação extraordinária. A mistura de portugueses, índios e negros permitiu que nascêssemos brasileiros como somos, um povo alegre, um povo extraordinário, que gosta de trabalhar, mas gosta de carnaval, gosta de samba, gosta de ser alegre. Juntos, enfrentamos a França e os holandeses e os expulsamos do Brasil, e juntos continuamos trabalhando, cada um a 8 mil quilômetros de distância. Mas eu penso que a necessidade geopolítica, as mudanças que houve no mundo, nesses últimos 20 anos, obriga Portugal e Brasil, pela identificação histórica, pela identificação cultural, pela identificação política e pela língua, a se aproximarem mais, que mais empresários brasileiros façam investimentos em Portugal e que mais empresários portugueses façam investimentos no Brasil. É esse o nosso desejo e é para isso que nós trabalhamos. E eu estou convencido de que, a cada ano, vai ter mais brasileiros investindo em Portugal e vai ter mais portugueses investindo no Brasil. Eu só queria pedir uma coisa: que os portugueses não comprem todas as terras boas que tem nas praias brasileiras, porque os portugueses estão tomando conta do Nordeste brasileiro.

Jornalista: E essa via verde empresarial também pode funcionar para as novas tecnologias?

Presidente: Pode funcionar na área de telecomunicações, pode funcionar no setor de serviços, pode funcionar na questão da gestão pública. Eu penso que o mundo globalizado abriu a cabeça dos dirigentes políticos, ou seja, as oportunidades estão viajando o mundo e os políticos precisam viajar atrás e tentar adaptar essas modernidades à realidade política e cultural dos seus países. É por isso que eu penso que nós não podemos perder essa



oportunidade, é uma oportunidade de ouro.

Eu vou lhe dar uma idéia. Eu fui dirigente sindical 30 anos da minha vida, quando eu disse, no início da entrevista, que o Brasil nunca viveu um momento econômico como está vivendo hoje, em 118 anos. Não é porque a economia está crescendo a 10% como a chinesa, não, ela vai crescer a 5% este ano, mas eu quero que cresça 5% durante 15 ou 20 anos. Eu quero que seja um crescimento sustentável para que a gente possa, definitivamente, colocar o Brasil no rol, ou melhor, no espaço físico dos países ricos. E isso vai depender muito da inteligência brasileira.

Você dizia, no começo do programa, da dificuldade de combater as desigualdades sociais. Houve uma reunião na ONU, na semana passada, realizada pelo Pnud, e o Brasil, em apenas três anos, já superou em três vezes o que estava previsto para o Brasil.

Jornalista: Graças ao programa Bolsa Família?

Presidente: Graças ao programa Bolsa Família.

Jornalista: Que distribui renda, de uma forma mais justa...

Presidente: E tem outros programas. A agricultura familiar, o Brasil financiava, quando eu entrei no governo, 1 bilhão de dólares por ano...

Jornalista: Mas certamente o senhor não está satisfeito ainda...

Presidente: Não, eu quero mais.

Jornalista: Porque as desigualdades são ainda gritantes no Brasil.



Presidente: São gritantes e nós queremos melhorá-las muito.

Jornalista: Se o senhor Primeiro-Ministro me permitir, eu vou lhe dar a palavra, mas ainda vou continuar com o presidente Lula, porque eu queria abrir o dossiê político, também, dessa parceria estratégica. É verdade que o Brasil tem se dado bem com a economia, é verdade que a diplomacia brasileira tem sido muito habilidosa e tem conseguido tirar dividendos do fato de ser aliado de dois inimigos tão falados, Estados Unidos e Venezuela. A diplomacia brasileira continua a tirar dividendos desse fator, mas o que eu lhe pergunto é o que o Brasil quer da Europa, senhor Presidente? Quer o apoio para um lugar permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas?

Presidente: Veja, o Brasil quer da Europa o que a Europa quer do Brasil. Na verdade é uma troca. Quando nós constituímos o G-4, nós fizemos o atendimento do interesse do Brasil mas, por outro lado, do interesse da Alemanha, do interesse do Japão e, por outro lado, do interesse da Índia, que são os quatro grandes países que nós queremos colocar nas Nações Unidas. Mas nós também queremos que o continente africano esteja representado, afinal de contas, a ONU de 1948 não existe mais, o mundo do pós-guerra não existe mais, então, é preciso que a ONU seja fortalecida para que ela possa ter valorizadas as suas decisões.

Jornalista: Mais tarde, essa reforma?

Presidente: Eu penso que ela vai acontecer. É normal que a China não queira que o Japão entre. É normal que a Itália não queira que a Alemanha entre, é normal que o México tenha problemas com o Brasil e, na África, que são 59 países, é difícil escolher quem vai entrar. Mas a sabedoria política nos ensina que em algum momento nós vamos decidir que vai ter reforma na ONU e que



outros países vão entrar para que a ONU seja uma representação multilateral, responsável e equilibrada nas suas decisões.

Jornalista: Pois é, senhor presidente Lula da Silva, mas esta parceria estratégica está a causar algum mal-estar na América Latina, isto para utilizar uma terminologia diplomática e não dizer da forma que se diz na voz corrente “está a causar ciúmes na América Latina”, porque todos querem ocupar este lugar que o Brasil está a ocupar neste momento. Essa parceria estratégica poderá dar ao Brasil o desempenho, de fato, de uma potência original?

Presidente: Olha, o Brasil tem todas as condições para se transformar numa potência. Entretanto, vai depender muito de nós brasileiros, do governo brasileiro e sociedade brasileira, e não ficar esperando que um outro país nos estenda a mão para a gente ser essa potência. Nós já jogamos fora muita oportunidade.

Na América do Sul nós tentamos trabalhar sem criar nenhum aspecto de hegemonia ou de liderança, porque isso não existe. O que nós queremos é construir parceria, pois para o Brasil ter uma economia forte é preciso que seus parceiros da América do Sul também tenham uma economia forte. E é para isso que nós trabalhamos, é por isso que nós fortalecemos o Mercosul.

Jornalista: Mas o Brasil, tal qual o Paraguai, não ratificou ainda a entrada da Venezuela no Mercosul. E o Hugo Chávez disse, ontem, que por dignidade, se os senhores não ratificarem, nos próximos três meses, essa entrada no Mercosul, vai sair, já não entra. Como é que o senhor responde a isso?

Presidente: Você sabe que é difícil a gente falar sobre um outro país, sobre um outro chefe de Estado, porque foi publicada uma coisa. Essas coisas se resolvem conversando. Veja, eu fui o presidente que indicou a entrada da



Venezuela no Mercosul, numa reunião em Mar del Plata. O presidente Chávez sabe que se ele não quiser entrar no Mercosul, ele pode não entrar no Mercosul. Se ele quiser entrar no Mercosul, tem regras para entrar no Mercosul, e uma das regras é ser aprovado pelos Congressos dos países-membros. Portanto, nenhum país pode determinar ao outro o prazo, nem para entrar nem para sair. Para sair, as pessoas saem na hora que quiserem, para entrar, as pessoas precisam estabelecer o compromisso de acatar as regras existentes. Afinal de contas, nós já existimos há 15 anos.

Eu sou muito amigo do presidente Chávez, eu diria que nós somos companheiros de muitos anos. Faz uns 40 dias que eu não conversei com o Chávez.

Jornalista: Desde que ele disse que o Congresso brasileiro é “papagaio dos Estados Unidos”.

Presidente: O problema é que esse mesmo Congresso, do qual o Chávez não gostou da declaração, é o Congresso que defendeu o Chávez quando houve o golpe em 1992. Então, na política, às vezes, nós precisamos apenas ter um pouco mais de paciência. Na política, às vezes, nós precisamos demorar um pouco mais para falar, para que o raciocínio seja melhor formulado na nossa cabeça. Em política internacional a gente comete deslizes, comete erros. Por isso é que eu sou muito cuidadoso. No tempo em que eu era dirigente sindical, eu já teria falado nesta entrevista o dobro do que eu estou falando agora, porque como presidente do Brasil, eu não falo o que eu penso, eu falo o que é possível falar em função dos interesses do meu País. É assim que eu penso que deve ser.

Na América Latina nós temos problemas políticos, sim, mas problemas políticos resolvíveis. Quem imaginava que, depois da Segunda Guerra Mundial, a Europa fosse criar a União Européia, quando os países quase se



exterminaram? Na América Latina nós não temos isso, nós temos divergências, mas todos os países querem crescer, todo mundo quer gerar empregos, quer gerar riquezas. Tem divergências? Tem. Divergência é a única razão pela qual existem os políticos, para tentar resolver essas divergências. Se tudo estivesse maravilhoso no mundo, não precisaria de políticos.

Jornalista: Não teria que ser para algo mais, para orientar, para dirigir?

Presidente: Mas para resolver os problemas. Porque sem resolver os problemas, você não orienta nada.

Jornalista: Mas dizia eu, há pouco, que estamos aqui falando entre altos representantes...

Presidente: É importante lembrar que tão importante quanto a questão econômica é a quantidade de políticas sociais que nós colocamos em prática no Brasil. Eu vou lhe dar o exemplo de um programa que é uma das minhas paixões, o ProUni. Com o programa de bolsas de estudo para jovens pobres da periferia nós colocamos, em dois anos, 370 mil jovens da periferia, dos quais 40% são negros, na universidade. Quando nós lançamos esse programa, uma parte dos preconceituosos brasileiros dizia que o presidente Lula estava nivelando o ensino universitário por baixo. O que aconteceu agora? Agora houve um teste, um concurso nacional feito pelo Ministério da Educação, em 14 matérias, incluindo Medicina, Engenharia, Arquitetura, os melhores alunos foram esses pobres da periferia que tiveram acesso à universidade.

Jornalista: O senhor considera isso, portanto, uma grande vitória?

Presidente: Eu acho uma coisa extraordinária e, mais ainda, nós vamos



terminar o mandato, em 2010, construindo um campus avançado das universidades federais e uma escola técnica em cada cidade-pólo do País. Eu vou lhe dar um dado: nós vamos fazer, em oito anos, do ponto de vista de escola profissional, mais do que foi feito em 100 anos, antes de nós chegarmos ao governo. O Luz para Todos é um programa para levar energia elétrica às casas das pessoas pobres que moram no campo. Em dois anos e meio, nós já colocamos 470 mil quilômetros de fios, 2 milhões e 900 mil postes, 380 mil transformadores, tudo isso de graça, para fazer com que as pessoas pobres tenham acesso à energia elétrica. Eu quero que em 2008 a gente possa apagar a última lamparina no Brasil.

Jornalista: Bom, vamos ver, então, se o Brasil consegue reduzir as desigualdades sociais porque também é premente, e é importante para que o Brasil possa desempenhar o papel de potência estratégica e emergente em plenitude.

Presidente: Há uma coisa, Sócrates, que eu penso que é importante. Veja, se a gente analisar o que eram os portugueses no Brasil na década de 50, nós vamos analisar o que era famoso: os chineses produzir pastéis e os portugueses produzir pães no Brasil. Hoje, quem são os portugueses que vão ao Brasil, além dos padeiros? Você tem grandes empresários, você tem uma gama de turistas que representam tudo de heterogêneo que tem na sociedade portuguesa e você tem, também, do ponto de vista do Brasil, uma quantidade de gente que viaja para a Europa de forma extraordinária. Antigamente, as pessoas queriam ir para Paris e iam só para Paris. Hoje, tem muita gente que quer ir para Paris mas quer dar uma passadinha em Lisboa, quer dar uma passadinha em Portugal.

Jornalista: E se é brasileiro, terá que fazê-lo.



Presidente: Obviamente. Na hora em que você aumenta a conexão aérea entre os dois países, flui com muito mais facilidade esse intercâmbio cultural também. Uma coisa que nós poderíamos fazer, e eu penso que nós temos tempo para fazer – nós tivemos uma experiência exitosa, o “Ano do Brasil na França”, e agora vai ter o “Ano da França no Brasil” – quem sabe os nossos dois ministros da Cultura pudessem fazer o Ano de Portugal no Brasil e o Ano do Brasil em Portugal, com apresentação de tudo que a gente possa fazer, da culinária à bebida, do artista plástico ao cantor, quem sabe poderemos estabelecer isso.

Jornalista: É a civilização dos afetos, que já temos. Como diria a (inaudível), uma escritora portuguesa.

Presidente: Nós somos dois povos irmãos, temos a nossa origem...

Jornalista: Aquela coisa, como dizem os brasileiros também. Senhor Presidente, eu tenho que passar para um dossiê que é importante aqui em Portugal e, creio, também é caro ao Brasil, o dossiê da imigração brasileira em Portugal. Um estudo do Alto Comissariado para a Imigração português disse, há dias, que a imigração brasileira em Portugal cresceu 9 vezes entre 1976 e 2003, e que é constituída por pessoas cada vez mais jovens e com menos qualificações. A Casa do Brasil diz que há ainda 40 mil brasileiros ilegais em Portugal, isto apesar do acordo, que foi celebrado quando estive aqui da outra vez. Como o senhor olha essa realidade?

Presidente: Primeiro, é uma realidade incontestável a procura de Portugal como um abrigo para a geração de oportunidade de empregos para a juventude de algumas regiões do País. Essa juventude que vem para cá, para



trabalhar, quer trabalhar como os portugueses que iam para o Brasil trabalhar. Eu penso que essa juventude encontrou em Portugal a oportunidade que muitas vezes não teve no Brasil, porque tivemos 26 anos de crise econômica. O meu desejo é que eles, na medida em que a economia brasileira vá crescendo, possam retornar ao Brasil melhor do que aqui chegaram, com um emprego garantido, com uma profissão garantida. Só peço para o meu amigo Sócrates cuidar bem dos brasileiros aqui, nós cuidaremos bem dos portugueses lá, porque quanto mais carinho nós dermos aos imigrantes, mais nós vamos aumentar a relação entre Portugal e Brasil.

Jornalista: Senhor Presidente, se me permite, eu vou contar aqui uma pequena história, que eu acho engraçada e que pode servir de exemplo para essa comunidade de afetos que existe entre Portugal e Brasil. No dia do jogo de futebol entre Portugal e Inglaterra, quando Felipão se preparava para entrar em campo, o senhor Presidente que sabia, como todos os brasileiros, que o Brasil já tinha sido afastado da Copa do Mundo, teve um impulso no coração e cinco minutos antes de começar o jogo pôs o seu staff todo à procura do Scolari para lhe dar uma palavra e lhe desejar boa sorte. É verdade essa pequena história que me contaram?

Presidente: É verdade. Eu liguei para o Felipão, na Copa do Mundo, nas quartas-de-final contra a Inglaterra e liguei para o Felipão na final contra a Grécia.

Jornalista: No Euro 2004. Aí deu errado, senhor Presidente.

Presidente: Depois, o Felipão foi ao Brasil e me deu uma camisa de Portugal de presente. Tem uma coisa importante aí, Fátima. O Felipão é um homem que tem demonstrado, ao longo da sua vida profissional, um profissionalismo



extraordinário e um caráter excepcional. Ele é daquelas pessoas que vencem na vida com exemplos dignos de ser seguidos por outras pessoas. Então, eu fiquei muito orgulhoso e dei esse telefonema para ele, mas eu queria dizer uma coisa da migração. O Brasil é um país que deve o que ele é à migração, ou seja, são tanto portugueses, quanto espanhóis, italianos, japoneses, árabes. Só no Brasil, nós temos 10 milhões de árabes e descendentes de árabes. É mais que duas vezes a população do Líbano. Nós temos uma população extraordinária e eu penso que, aos poucos, nós vamos aprendendo.

Jornalista: O senhor tem homenageado todas essas comunidades que contribuíram e contribuem para a história do Brasil, mas ainda não o fez aos portugueses lá no Brasil. Por quê?

Presidente: Vamos fazer. Primeiro, porque os portugueses são tidos como se fossem de casa e, muitas vezes, você trata bem...

Jornalista: Mas as comunidades portuguesas se queixam disso no Brasil.

Presidente: Eu acho que a comunidade portuguesa é extraordinária. O Brasil deve muito às comunidades portuguesas que ajudaram o Brasil a ser o que é hoje. Eu sou grato. Agora, qual é o problema? É que tem países que, quando ficam ricos, não querem mais receber pobres. Esse é um problema. Eu sei que, muitas vezes, tem países que não querem receber um migrante africano porque têm muito preconceito, e nós precisamos abrir as nossas almas para isso. O mundo está globalizado, as pessoas têm que transitar no mundo à procura de oportunidades. Se a gente quiser paz, se a gente quiser combater o terrorismo, não tem outro jeito, nós precisamos trabalhar com muito mais carinho essa questão da migração. Certamente, o meu Silva não é alemão. Certamente, ele é português.



Jornalista: Senhor primeiro-ministro José Sócrates, senhor presidente Lula da Silva, a RTP tem muito orgulho, é um privilégio recebê-los aqui esta noite. Muito obrigada.

Presidente: Deixe-me dizer uma última coisa: quando a gente encontra no mundo um alemão ou um inglês, é um estrangeiro. Quando a gente encontra um português, é um companheiro, porque a identificação é total. Então, eu penso que é isso que vai tornar muito mais forte a relação bilateral.

Jornalista: A parceria estratégica que nos trouxe aqui para esta conversa. Uma parceria estratégica entre a União Europeia e o Brasil, que começa hoje, em Lisboa, em Portugal, mas que certamente vai durar por muitos e bons anos. Muito obrigada e boa noite.